

OS ENSINAMENTOS DE SÊNECA EDUCAÇÃO PARA UM MODO DE VIDA COM SABEDORIA

THE TEACHINGS OF SENECA EDUCATION FOR LIVING LIFE WITH WISDOM

FRANCISCO CLAILSON DE CARVALHO LIMA*

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a possibilidade dos ensinamentos de Sêneca que se configuram como utilidade para nossos dias, e nos conduzem para um modo de vida com sabedoria. Tendo em vista as reflexões que norteiam a filosofia estoíca, surge o seguinte questionamento: qual a possibilidade de a filosofia estoíca para orientar à tranquilidade e a felicidade? O ponto de partida será leitura de comentadores do Estoicismo em geral e de Sêneca, em particular, no sentido de mostrar o reencontro com a existência feliz levando-se em conta o dever e a autodisciplina.

Palavras-chave: Estoicismo; Sêneca; *Cartas a Lucílio*; Sabedoria.

Abstract: This article aims to analyze the possibility of adapting the teachings of Seneca for use in our days, and to lead us to living life with wisdom. In view of the reflections that guide stoic philosophy, the following question arises: what possibility is there in stoic philosophy for guiding us to tranquility and happiness? The starting point will be a reading of the commentators of Stoicism in general and of Seneca in particular, in the sense of showing how to be reunited with a happy existence by taking into account duty and self-discipline.

Keywords: Stoicism; Seneca; *Letters to Lucílio*; Wisdom.

INTRODUÇÃO

[...] hoje o estoicismo ainda fala de muito perto. [...] Seria bom não perder de vista o quanto ele é profícuo na época em que vivemos, uma vez que diversos valores presentes têm sabor estoico: igualdade, fraternidade, moralidade, interioridade, escolha individual, cosmopolitismo, por exemplo, são campos reflexivos bem discerníveis no pensamento da *Stoa*. (GAZOLLA, 1999, p. 16).

* Pesquisador na Universidade Federal do Piauí - UFPI, PI, Brasil. E-mail: f2clima@hotmail.com

Escolhe alguém cuja vida, cujas palavras, cujo rosto, enfim, espelho da própria alma, sejam do teu agrado. Contempla-o sempre, ou como teu vigilante, ou como teu modelo. Temos necessidade, repito, de alguém por cujo carácter procuremos afinar o nosso risco torto que só se corrige com a régua!” (SÊNECA, *Cartas*, 11- 10).

O estoicismo procurava reconciliar homem e natureza, buscava uma explicação do homem e do mundo, através de sistemas que necessariamente compreendiam uma lógica, uma física e uma ética, objetivando ensiná-los critérios de certeza e regras de vida. É bastante significativo que Sêneca, na *Carta* 106, 11-12, ensina que se perde tempo com situações superficiais e preocupação com tudo que nos rodeia. As pessoas sofrem de intemperança em querer aprender tudo, e as teorias não são suficientes para tornar os homens aptos, apenas os tornam cultos.

O conhecimento é algo mais amplo, e que apresenta acessibilidade, na medida em que nos esforçamos para aprender, sem muita preocupação com as coisas externas, não necessitando de acúmulo de livros e de excesso de informações para a nossa formação. Estamos acostumados a dissipar tudo, padecemos de instabilidade todo o tempo, até na utilização do conhecimento. Trata-se, nesse contexto, de uma crítica do filósofo Sêneca ao uso em excesso de erudição.

Essa argumentação colabora com a possibilidade dos ensinamentos senequianos para uma vida com sabedoria e também alerta acerca do tratamento consciente com o tempo. Desse modo, enfatiza-se que a leitura realizada neste estudo não pretende apresentar inferências inquestionáveis sobre o tema abordado, nem mesmo impor nossa concepção a respeito dele. Todavia, busca-se, dentro dos limites desta pesquisa, contribuir para uma melhor qualidade de vida dos docentes com a utilização dos princípios estoicos, não como um fim, mas como uma possibilidade de aprender todos os dias.

Direcionado nessa perspectiva, este artigo visa estudar os ensinamentos senequianos para uma vida com sabedoria. O objetivo, portanto, não é enumerar todas as contribuições do filósofo Sêneca para a formação do homem, mas apenas algumas passagens significativas que podem ser encontradas, com ênfase nas *Cartas a Lucílio*, que contribuem para a reflexão sobre a importância dos ensinamentos estoicos. Em outras palavras, busca-se destacar algumas ideias que continuam no debate presente em nosso cotidiano, com ênfase, que o estoicismo colocava em suas premissas a felicidade individual, levando os homens a adotarem, em suas vidas, atitudes diárias quase

religiosas, e ainda propõe que os homens devem ser sábios e que assumam uma vida que os direcione à felicidade.

O estoicismo procurava reconciliar homem e natureza, buscava uma explicação do homem e do mundo, através de sistemas, que necessariamente compreenderam uma lógica, uma física, e que necessariamente os levaram a uma ética, objetivando ensinar critérios de certeza e regras de vida.

Em um primeiro momento, faz-se a apresentação acerca da concepção de educação senequiana no estoicismo imperial, onde são relatados ensinamentos que conduzem o homem para uma vida em harmonia consigo mesmo e com o universo.

Depois, em um segundo momento, reflete-se sobre o homem estoico no reencontro com a existência feliz e tranquila, onde o parâmetro está na vivência acolhedora com o cosmos. Por fim, em um terceiro momento, faz-se uma análise sobre as contribuições da filosofia estoica para os homens mediante a prática diária do dever e a autodisciplina em nossas atitudes. O reconhecimento de si torna o homem capaz de equilibrar seus impulsos.

1. A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO SENEQUIANA NO ESTOICISMO IMPERIAL

A noção de educação no estoicismo imperial está direcionada à ética. Observa-se nesse período, também denominado neoestoicismo, que a filosofia, em Roma, adquiriu o maior número de seguidores. Segundo Reale e Antiseri (1990, p. 10): “[...] o fortalecimento da filosofia se dava notadamente pelo desaparecimento da república, ao mesmo tempo em que o cidadão perdia sua liberdade”.

Nesse sentido, Melo reforça que diante da crise moral e da vulnerabilidade em que se encontravam os romanos, em decorrência de exageros, vícios e outras “doenças” da alma, “a filosofia assumiu o papel de uma pedagogia e, particularmente, de uma terapia, cuja função era curar os males da alma” (MELO, 2007, p. 33).

Assim, nessa fase, o estoicismo abandonou as especulações puramente dialéticas, próprias da *Stoá*, centrando-se no elemento humano e colocando-se a serviço da ética, de tal modo que tudo o que não se prestasse à ordenação moral da vida humana carecia de valor. A filosofia assume então um novo valor, o prático.

Nesse cenário, o supremo ideal era o amor aos homens, a prática da justiça e de todas as demais virtudes. Tinha por finalidade levar o homem

não apenas ao conhecimento das coisas, mas, acima de tudo, a viver bem, conforme a virtude¹ (MELO, 2007).

Dessa forma, o objetivo de todas as escolas helenísticas é ensinar a ser feliz. Isso possibilitou ao Estoicismo Romano reconhecer a felicidade como algo mais “negativo” que “positivo”, estabelecida mais em abdicção do que em aquisição (OLIVEIRA, 2010).

Assim, as reflexões voltaram-se à formulação de ensinamentos com os quais o cidadão romano pudesse alcançar o ideal de paz e felicidade. Mesmo sem as condições anteriormente oferecidas pelo Estado romano, ganhava o apreço dos pensadores estoicos, particularmente as reflexões sobre a vida e a morte, a miséria e a fortuna, e sobre quão efêmero é o tempo do homem, tendo em vista, sobretudo, prepará-lo para os problemas espirituais (COELHO; MELO, 2012, p. 3).

Concernente a isso, Melo (2007) nos direciona a pensar sobre os difíceis problemas que o filósofo Sêneca encontrou em seu tempo, o qual fez da educação o meio de superação, sem fugir de seu objetivo, que era formar o homem sábio e virtuoso. Com isso, os recursos pedagógicos oferecidos no estoicismo foram essenciais para Sêneca desenvolver o processo educacional, contrário aos gregos.

Sêneca concentrou-se em uma filosofia que ultrapassava a especulação teórica, transformando-a em uma doutrina prática, adequada a um determinado estilo de vida. Embora tivesse contato com a cultura grega, os romanos reconstruíram os modelos filosóficos mediante suas conveniências, com a finalidade de corresponder ao seu espírito prático.

O estoicismo, que teve como palco uma Roma dominada pelo terror, abandonou a lógica e a física em benefício da moral. Seu fim era atender aos interesses romanos [...] Ao mesmo tempo em que se moldava ao espírito prático do homem romano, pouco dado às questões teóricas e às grandes reflexões filosóficas, o estoicismo reafirmava os preceitos sobre os deveres, a autodisciplina, a obediência, a ordem e a recomendação para a participação na política (MELO, 2007, p. 31).

Conforme se observa no trecho acima, foi esse o motivo pelo qual, em seus primeiros momentos, especialmente durante a República (II-I a.C), ele ganhou o apreço romano. Isso explica também o grande contingente de adeptos que alcançou, especialmente, os administradores afinados com a

¹ É o bem supremo, aliás, é o único bem [...] D. L., VII, 85.

sua proposta de participação na vida pública como forma de construir uma sociedade justa (MELO, 2007).

Com base nesse cenário, a filosofia no Império Romano direcionou-se para o domínio do privado, investindo-se da missão de ensinar, por meio de suas exortações e dos seus exemplos. No entanto, a doutrina de Zenão, para se adaptar ao novo quadro posto pelo Império e refugiar-se na esfera do sagrado, rompeu com muitos dos seus ensinamentos.

A nova configuração assumida pelo Pórtico levou-o a perder significativa parte da sua dimensão política, uma vez que ele se converteu também em uma reflexão sobre a vida e sobre a morte e passou a ensinar o desapego às coisas materiais, tendo em vista preparar o indivíduo para o cultivo das coisas da alma.

A filosofia adquiriu um perfil de sagrado, cujo objetivo era ensinar, por meio da exortação e do exemplo, a moral e a libertação espiritual, visando anular o domínio que as paixões e os vícios tinham sobre o homem, oferecendo-lhe, assim, a possibilidade de usufruir de uma forma superior, conforme entendia, de felicidade. Ao filósofo cabia ajudar o homem a obter a tranquilidade que, entregue a si mesmo, ele não conseguiria alcançar, uma vez que, a rigor, as tendências da sociedade efetivamente o afastavam desse caminho (MELO, 2007, p. 30).

Mesmo que filosofia e sabedoria estejam interligadas e aparentem fazer aproximação bem íntima, a ponto de se confundirem em sua especificidade conceitual, o filósofo Sêneca esclarece que “a sabedoria é o bem supremo do espírito humano, enquanto a filosofia é o amor, o impulso pela sabedoria, aquela que aponta o fim que esta alcança” (SÊNECA, 98, 4).

Dessa maneira, a filosofia passou a ser intermédio para o conforto, de orientação moral, que via no afastamento do mundo e até da própria vida uma digna saída dos conflitos sociais. Da esfera material, o homem voltou-se para a transcendental, preocupando-se com as questões morais, e também com sua preparação para a morte.

2. O HOMEM ESTOICO E O REENCONTRO COM A EXISTÊNCIA FELIZ E TRANQUILA

O reencontro do homem com o cosmos significava o acolhimento com a sabedoria e com a liberdade; o afastamento do homem em relação à natureza

tornava-o frágil e propenso aos vícios e às paixões². De acordo com Sêneca, o distanciamento do homem de grandes aglomerados assegurava-lhe um estado original e puro para seu fortalecimento.

Arranjemos, portanto, um protector que de vez em quando nos puxe as orelhas, que dissipe as opiniões do vulgo, que proteste contra as preferências da multidão. Enganas-te se pensas que os vícios nasceram conosco: vieram por acréscimo, foram incutidos em nós! Que frequentes admoestações nos ajudem a repelir as opiniões que à nossa volta se difundem! A natureza não nos predestinou para nenhum vício, antes nos gerou puros e livres (SÊNECA, 94, 55-56).

O referencial proposto pela filosofia estoica era, para os seus “mestres”, a garantia de uma existência feliz e tranquila, pois era o único caminho que o homem poderia seguir para manter-se imune às perturbações da vida material, ou seja, do quadro social a que estava submetido nesse momento histórico.

Ao angariar e pregar os valores necessários à realização dos “sonhos não realizados” de uma sociedade, cujos integrantes encontravam-se alquebrados e sem esperança em face das transformações do seu mundo, a filosofia revestiu-se de “espiritualidade” e de um aspecto terapêutico (MELO, 2007a, p. 31).

A filosofia, ao destacar os aspectos práticos, colocou o bem moral entre as prioridades da reflexão, tornou-a uma espécie de articuladora da felicidade, um refúgio para aquele momento histórico. O estoicismo, na percepção de Sêneca, aponta para o bem moral. O homem veio ao universo para ser virtuoso e usar a sua vontade para a realização de seus objetivos. Na Epístola 80, Sêneca esclarece os passos para a construção moral do homem, por meio da vontade, até alcançar a liberdade.

Para seres um homem de bem só precisas de uma coisa: a vontade. Em que poderás exercitar melhor a tua vontade do que no esforço para te libertares da servidão que oprime o género humano, essa servidão a que até os escravos do mais baixo estrato, nascidos, por assim dizer, no meio do lixo, tentam por todos os meios eximir-se? O escravo gasta todas as economias que fez à custa de passar fome para comprar a sua alforria; e tu, que te julgas de nascimento livre, não estás disposto a gastar um centavo

² A paixão passa a ser de responsabilidade exclusiva do homem, quando exposta ao erro de julgar, uma vez que ele é responsável pelo o exercício de sua razão “[...] A paixão é a perda do controle da razão” (OLIVEIRA, 2016, p. 51).

para garantir a verdadeira liberdade?! Escusas de olhar para o cofre, que esta liberdade não se compra (SÊNECA, 80,4).

Foi por meio das manifestações do estoicismo imperial que a adaptação à realidade existente em Roma foi possível, para constituir um ressignificado daqueles homens que são conduzidos pelos os vícios e não mostram perspectivas em buscar metas para suas vidas.

3. O DEVER E A AUTODISCIPLINA CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA ESTOICA PARA OS HOMENS

Para o estoicismo antigo, os homens estavam classificados em duas categorias: a dos sábios, denominados de “sábios”, e a dos insensatos (*stulti*); também apresentava uma classe intermediária, conhecida como proficientes, provavelmente surgida durante o estoicismo médio, quando esses iniciaram na via para a *sapientia* e estavam divididos em classes, conforme a proximidade com a sabedoria. A seguir, nas *Cartas a Lucílio* 35, Sêneca deixa evidente a divisão existente entre os *sapiens* e o *proficiens*:

Progride, sempre com este máximo objectivo: obteres uma perfeita constância. Quando quiseres verificar se fizeste algum progresso, indaga se a tua vontade de hoje é idêntica à de ontem: uma mudança de vontade é indício de que a alma anda à deriva, aparecendo aqui ou ali conforme a levar o vento! O que está fixo e bem agarrado ao chão não erra ao acaso: o mesmo sucede ao sábio consumado, e, por vezes, mesmo àquele que ainda se encontra em fase de aperfeiçoamento. A diferença entre ambos reside em que o segundo, embora sem mudar de posição, oscila na sua base, enquanto o primeiro nem sequer oscila (SÊNECA, 35, 4).

Sêneca, na mesma linha de pensamento, prossegue, tratando das habilidades do sábio e dos *proficiens*, que de modo principiante vão ao encontro da virtude:

O sábio será capaz de dominar a fortuna com a sua virtude, ao passo que muitos adeptos da filosofia se deixarão assustar por ameaças de somenos importância. Nesse ponto será nosso o erro se exigirmos de um principiante aquilo que exigimos ao sábio. Pelo que me toca, ainda estou na fase de assimilação desses princípios, ainda não atingi a fase da completa persuasão; e mesmo que a tivesse atingido, não teria ainda tempo para os ter de tal modo assimilado e praticado que eles me pudessem ocorrer em qualquer emergência (SÊNECA, 71,30).

Sêneca insiste em mostrar a firmeza do sábio em meio às adversidades, bem como reforçar a diferença entre o homem que chegou à plenitude e aquele que ainda pretende alcançá-la:

Pode uma vez por outra surgir qualquer ocorrência que lembre ao sábio a sua condição de mortal, mas ocorrências desse tipo são de somenos importância e não o atingem mais do que à flor da pele. O sábio, insisto, pode ser tocado ao de leve por um ou outro contratempo, mas para ele o sumo bem permanece inalterável. Volto a dizer que lhe podem ocorrer contratempos provindos do exterior, tal como um homem de físico robusto não está livre de um furúnculo ou de uma ferida superficial; em profundidade, porém, não há mal que o atinja. A diferença existente, insisto ainda outra vez, entre o homem que atingiu a plenitude da sabedoria e aquele que ainda lá não chegou é a mesma que se verifica entre um homem são e um convalescente de doença grave e prolongada (SÊNeca, 72, 5-6).

Por fim, encontraremos em Sêneca uma divisão bem mais didática acerca dos homens perfeitos, e daqueles que não o são. Conforme o filósofo romano:

É exactamente assim, segundo eu penso. Quem vai progredindo no estudo da filosofia pertence ainda ao número dos não sábios, embora esteja a uma grande distância do comum dos mortais. Mesmo entre os estudiosos da filosofia existem consideráveis diferenças; há autores que dividem tais estudiosos em três classes. A primeira classe abarca aqueles que, embora ainda não atingindo a sapiência, já se encontram muito perto de o conseguir; o próprio facto de estarem perto, contudo, implica que a sapiência ainda lhes é exterior. [...] A segunda classe compreende aqueles que se conseguiram libertar das principais enfermidades da alma e das paixões, mas não a ponto de gozarem definitivamente de um estado de perfeita tranquilidade. Por outras palavras, estão ainda sujeitos a retroceder ao estágio precedente. A terceira classe já está liberta de numerosos e consideráveis vícios, mas ainda não de todos. Está livre da avareza, mas sujeita ainda à ira; já não é tentada pelo prazer, mas é-o ainda pela ambição; está liberta do desejo, mas não do temor, e, no que toca aos objectos de temor, pode mostrar-se firme perante alguns, mas ceder perante outros: por exemplo, não recear a morte, mas ter medo da dor física (SÊNeca, 75, 8-9-13-14).

Para a contribuição pedagógica dos homens, a filosofia estoica oferece o dever, a autodisciplina e a oportunidade de obediência à ordem da natureza das coisas, sendo esses ensinamentos que contribuem para a formação do homem. Desse modo, Sêneca corrobora:

Estudas perseverantemente e deixando tudo o mais apenas te aplicas ao teu quotidiano aperfeiçoamento: aprovo-te com satisfação, e não só te aconselho, como te peço que continues assim. [...] evita tudo quanto se torna notado quer na tua pessoa, quer no teu estilo de vida [...] sejamos no íntimo absolutamente diferentes, embora na aparência vivamos como os demais. [...] O nosso objetivo é, primordialmente, viver de acordo com a natureza. [...] que a nossa vida seja um equilíbrio entre o modo de vida superior e o vulgar; que todos olhem a nossa vida como algo acima do normal, mas sem que sejamos uns estranhos para eles [...] um espírito superior é capaz de usar utensílios de barro como se fossem de prata, mas não é inferior àquele que usa de prata como se fosse de barro (SÊNECA, 5, 1- 2- 5- 6).

Na visão de Sêneca, é necessária uma adequação do homem à sua natureza; a vontade deve ser guiada apenas pela razão, visto que a razão era vista por ele como aquilo que penetra tudo. A razão é o elemento que elimina as impulsividades no comportamento humano. Ceder às paixões humanas é visto como um movimento irracional “[...] pois ceder às paixões era desobediência à razão, o sábio não é, por conseguinte, um apaixonado, porque julga sabiamente, porque vive de acordo com a razão natural” (BRUN, 1987, p. 84).

Dentro dos preceitos filosóficos senequianos, o outro é indispensável para a educação moral. É nesse convívio com o outro que se dá o exercício ético. De acordo com a concepção estoica, da qual Sêneca é seguidor, a natureza nos gerou como uma só grande família, que nos faz “[...] conformar-se a condição e, queixando-se dela no mínimo possível, aprender tudo o que ela tem de favorável. Não existe nada tão amargo que não encontre consolo numa alma equilibrada [...]” (SÊNECA, *Cartas*, ed. 2004, p. 66). Por isso, os homens devem ter a ideia de que o simples fato de sermos humanos nos faz estar na mesma posição. Assim, ressalta Santos:

Ao lermos as *Cartas* podemos perceber que além dos preceitos e dogmas, o uso do exemplo é essencial para a construção da fortaleza interior. Os indivíduos podem ser ensinados por meio de preceitos e dogmas a agirem de forma correta no mundo, isto é, internalizar os princípios pelos quais os indivíduos se tornam fortes o bastante para que a exterioridade não desequilibre a sua interioridade. Mas também o exemplo é outro recurso utilizado por Sêneca para o ser humano que esteja nesse processo de construção de uma fortaleza interior. Sêneca nos aconselha que vejamos os grandes exemplos como inspiração (SANTOS, 2016, p. 104).

O ser humano, quando é figura de referência, ou seja, figura a ser seguida pelos seus pares, torna-se ser indispensável, aparece como uma iluminação

para a nossa vida, não atravessa nossa concepção como um ser despercebido. Para Sêneca, os exemplos éticos e motivacionais são demonstrações capazes de transformar a humanidade em suas relações, alcançar uma vida de tranquilidade, sem apresentar perturbação.

Nesse sentido, o exemplo também é essencial, haja vista que tem um caráter mais imediato, uma vez que a figura exemplar é uma inspiração de vida, isto é, um estilo de vida. Como corrobora Santos:

A figura exemplar é antes de tudo uma imagem viva que se deve ter como inspiração para a vida. Não nos passa despercebido, como já ressaltamos anteriormente, que, para Sêneca, vida e filosofia são inseparáveis. O exemplo é uma mostra viva de que os homens podem transformar suas vidas e que acima de tudo estes podem alcançar um estado de espírito tão forte que serão capazes de não se deixarem afetar, ou se afetarem minimamente com aquilo que não está em seu poder (SANTOS, 2016, p. 104).

Segundo Mayer (2008), em Sêneca, os exemplos funcionam como “modelos inspiradores”, ganham uma nova roupagem, uma vez que as figuras exemplares têm a função de nos orientar de que é possível agir de outro modo, mesmo que não sejamos capazes de fazer exatamente como fez a figura exemplar. Assim, a memória de grandes homens é tão importante quanto a sua presença.

Similarmente diz Sêneca, nas *Cartas*, 94-51: “Também as crianças aprendem a escrever pelo exemplo: pega-se-lhes nos dedos, a mão do mestre guia-os sobre os desenhos das letras, depois diz-se-lhes que imitem o modelo apresentado [...]”.

Tomando como base as leituras das *Cartas a Lucílio*, é importante salientar que os exemplos aparecem com mais ênfase do que os silogismos, haja vista que ocupam diretamente a firmeza de ânimo³, mostrando que a vida moral pode ser vivida, e que os exemplos são essenciais para os aprendizes na busca da virtude.

Sêneca compreendia que o processo de formação moral não é uma tarefa fácil, é um exercício diário contra os vícios e de aceitação das adversidades, e não só de aceitação, mas de reformulação dos nossos juízos equivocados,

³ O termo “firmeza de ânimo”, expressão utilizada por Sêneca nas *Cartas a Lucílio* para designar superação em meio às adversidades, encontra-se explicitamente nessa referência: “Ser ferido, ser consumido numa fogueira, sofrer de uma doença grave – tudo isso é contrário à natureza; conservar nessas circunstâncias a coragem e a firmeza de ânimo isso já é agir conforme a natureza” (2004, 66, 38).

que nos fazem acreditar que todas as coisas que acontecem contra nossa expectativa são um mal. O que ele nos indica é um caminho exigente, pois é muito mais fácil nos deixarmos levar pelas paixões e termos uma vida irrefletida, mas isso não quer dizer que seja impossível seguir o caminho do bem. Não existe restrição: qualquer homem pode escolher aperfeiçoar-se moralmente, sendo que a exigência mínima é o querer (MAYER, 2008 *apud* SANTOS, 2016, p. 104).

Para Sêneca, quando um homem acompanha o exemplo do outro no processo de educação moral, há um esforço de abarcar para si os ensinamentos, haja vista que o cuidar-se⁴ deve ser feito diariamente. Nesse sentido, a presença do outro é primordial na busca incessante da fortaleza interior, seja como exemplo, seja como um modelo de comportamento essencial à formação, ou como um mestre ou guia de consciência⁵, aquele que nos aponta os erros de nossas ações, quando necessário, mostrando caminhos possíveis para a solução de algum problema.

Sêneca argumenta que, por si só, ninguém conseguirá sair do redemoinho; é necessário alguém que estenda a mão e ajude a pisar em terra firme (SÊNECA, ed. 2018, p. 177). Em outra passagem das *Cartas*, em um reencontro com o amigo Clarano, infere-se que Sêneca qualifica-o como um exemplo ético e motivacional, ao dizer: “Creio bem que Clarano nasceu como exemplo, para que todos pudéssemos ver que a alma não sofre de deformidade do corpo, antes é este que se adorna com a beleza da alma!” (Idem, p. 237- 4).

Segundo Sêneca, especialmente nas *Cartas* 10 e 11, o outro é indispensável na construção da fortaleza interior. Os homens que alcançaram tal estado, tal firmeza de caráter, não constituem tipos frios e individualistas. Muito pelo contrário, eles colocam como tarefa auxiliar o outro no processo de educação moral, pois compreendem que a prática de si é um exercício para toda a vida.

Escolhe alguém cuja vida, cujas palavras, cujo rosto, enfim, espelho da própria alma, sejam do teu agrado. Contempla-o sempre, ou como teu vigilante, ou como teu modelo. Temos necessidade, repito, de alguém por

⁴ O cuidado de si está relacionado à preocupação a nós mesmos, uma espécie de preocupação com nossa direção de viver, uma concentração de nossas atitudes sobre nossa direção.

⁵ A expressão “guia de consciência” é uma metáfora utilizada para “comunicar”, que diversas vezes encontramos nas *Cartas a Lucílio* pelo nome de mestre. Um exemplo dessas citações de “mestre” que está mais explícita, se encontra nas *Cartas* 52,8 “Em suma, escolhe para teu mestre alguém que te mereça admiração pelas ações e não pelas palavras.”.

cujo carácter procuremos afinar o nosso risco torto que só se corrige com a régua! (SÊNECA, 11- 10).

Ainda acerca dos homens que buscam a sabedoria e, conseqüentemente, são exemplos a serem seguidos, demonstra Oliveira:

Sócrates ou Catão são exemplos recorrentes, entre muitos outros, de homens que almejavam a sabedoria, que buscaram a perfeição, prerrogativa somente do verdadeiro sábio. Contudo, são modelos não absolutos para *sapiens* estoico. Eles são *exempla* a serem considerados e a se inspirar em busca do aperfeiçoamento possível e cotidiano (OLIVEIRA, 2010, p. 102).

Nesse sentido, Sêneca, para além de seu tempo, é bastante importante aos nossos dias, por fornecer conceitos básicos e precisos quanto à razão, à educação e ao controle de nossas ações no convívio social. Ademais, o filósofo oferece um padrão de reflexão e um caminho para o debate mais amplo sobre os antigos ensinamentos da filosofia estoica.

Sêneca nos mostra que o conhecimento de nossas atitudes abriga um amplo debate sobre a moral e, desse modo, a consciência de si nos torna capazes de enfrentar, com o norte da razão, nossos impulsos naturais, aprendendo a distinguir a natureza e o eu, fazendo-nos, assim, iniciarmos o exercício de controle de nossas atitudes.

A filosofia de Sêneca abre uma nova perspectiva ao pensamento e determina um processo importante nos propósitos e nos procedimentos da reflexão cotidiana da filosofia estoica, a saber: “sua filosofia procura consolar e exortar, ensinar e incentivar, de forma a despertar naquele que lê, ou naquele que a ele se entrega, uma crença inabalável na própria força de vontade, única forma viável para o homem comum [...]” (OLIVEIRA, 2010, p. 138).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sêneca procura descrever seus ensinamentos de forma simples e prática. Como filósofo estoico, a forma como ensina proporciona a compreensão e o caráter prático das doutrinas. Contudo, também procura relacionar teoria e prática, ou seja, os ensinamentos e a vivência do homem no dia a dia. Sua produção continua bem atual, ao se analisar a necessidade constante do homem em busca de superar as adversidades.

O estoicismo (assim como o epicurismo e o ceticismo) apanha e aprofunda as transformações “individualizantes”, o que torna a interioridade um

aspecto marcante nessa escola. Partindo dessas teses, o estoicismo apresenta notadamente uma tendência calcada na ética.

Observa-se então que a Ética estoica é intrinsecamente racional. Partindo dessas premissas, no estoicismo o sábio é somente aquele que consegue erradicar suas paixões, alcançando, por conseguinte certa indiferença, haja vista que nessa visão, nada que venha da exterioridade de seu ser pode afetá-lo. Assim, as paixões apareceriam como um movimento irracional da alma, podendo levá-lo a um desequilíbrio total.

Desse modo, Sêneca coloca que a filosofia é substancialmente marcada pelo entendimento de que a vida é uma batalha diária e verdadeira contra as paixões. Nesse sentido, há uma ligação umbilical entre vida e filosofia. Portanto, a filosofia senequiana não é tão somente especulação destoante da realidade, mas uma terapia real da alma, que Sêneca buscou aplicar-se e aos outros.

* *Agradecemos ao Prof. dr. Luizir de Oliveira (Univ. Federal do Piauí, PI, Brasil) pelas boas sugestões dadas para o estudo deste artigo.*

[Recebido em dezembro/2020; Aceito em fevereiro/2021]

REFERÊNCIAS

- BRUN, J. *O Estoicismo*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- COELHO, J. P. P.; MELO, J. J. P. Vícios e Virtudes em Sêneca: as contribuições do Estoicismo Romano para a formação do homem latino. In: JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 11, 2012, Maringá. *Anais [...] Maringá*: UEMA, p. 1-13. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2012/pdf/a-i/11.pdf>>. Acesso em: agosto de 2020.
- GAZOLLA, R. *O Ofício do Filósofo Estoico: o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MAYER, R. G. Roman Historical Exempla in Seneca. In: FITCH, J.G.(ed.). *Seneca*. Oxford: Oxford University Press, 2008. (Oxford Readings in Classical Studies)
- MELO, J. J. P. *O sábio senequiano: um educador atemporal*. 2007. 247f. Tese (Pós-Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Campo Assis, São Paulo, 2007.
- OLIVEIRA, L. *Sêneca: uma vida dedicada à filosofia*. São Paulo: Editora Paulus, 2010.
- REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia: antiguidade e idade média*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1990.
- SANTOS, A. R. A. *A filosofia Prática de Sêneca: um ensaio sobre a firmeza de alma*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.
- SÊNECA, L. A. *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de José Antônio Segurado e Campos. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.